23º DOMINGO APÓS PENTECOSTES

01 DE NOVEMBRO DE 2026

SALMOS 42 - 43

1 NOTA INTRODUTÓRIA

Esse recurso homilético segue as leituras do 23º Domingo após Pentecostes e está destinado a servir como subsídio para esse dia. No entanto, como lembramos também o dia de Finados, a ênfase dada aos salmos 42 e 43 pode servir de apoio para uma pregação que trata do luto e da dor da separação, que por sua vez podem gerar a sensação do abandono de Deus. Ao final, tem uma sugestão de oração construída com base nos dois salmos.

2 TEXTOS DA TRIENAL

2.1Salmo 43

O Salmo 43 é uma continuidade do Salmo 42. Ambos podem e precisam ser vistos juntos. Seu conteúdo é uma oração a Deus pedindo justiça face a pessoas infiéis e más. O salmista confessa que Deus é a sua fortaleza, mas estranha que Deus esteja demorando em agir e por isso pergunta se por um acaso Deus o teria rejeitado em função de toda a opressão que está sofrendo.

Ele clama por luz e verdade, para ser guiado ao altar do Senhor e lá o louvar ao som da harpa. Ao final, como que dialogando consigo mesmo, ele confessa que seu abatimento e sua perturbação terão fim, pois ele colocou sua espera nas mãos de Deus, ainda que ele pareça distante.

Da perspectiva teológica, o salmista expõe uma realidade que revela o pecado como o agente que intercepta uma visão adequada de Deus e da sua justiça, a ponto de ele pensar que as causas sempre são ganhas pelos maus, diante

do aparente silêncio de Deus. Só a luz e a verdade de Deus o restituirão à confiança no seu auxílio.

2.2 Miquéias 3.5-12

Se o salmista teve a sensação de que Deus estava em silêncio e distante, o profeta Miquéias recebe uma mensagem de juízo em forma de poesia, que justamente revela o silêncio de Deus para com os profetas infiéis à Palavra. “Deus não fica em silêncio, ficando em silêncio”, ao condenar a liderança profética que pregava paz, sem haver perspectiva de paz, pois o futuro era de destruição e cativeiro. Só que isso não se aplicava a Miquéias, que pelo poder do Espírito Santo, continuava a revelar as transgressões de Israel e seu futuro incerto em função de sua pecaminosidade, manifestada de forma particular pela idolatria e injustiça social (Miquéias 2).

A destruição profetizada por Miquéias ocorreu no ano de 586 a.C., quando Jerusalém foi levada cativa pelos babilônios. Miqueias proclamou todos os desígnios de Deus: além do juízo, anunciou também a promessa de restauração através do Pastor que apascentará o seu povo. Essa promessa se cumpre em sua plenitude com Jesus Cristo (Miquéias 4 e 5).

2.3 1 Tessalonicenses 4.1-12

Por meio do apóstolo Paulo, Deus ensina os tessalonicenses a progredirem cada vez mais na vida de cuidado ao próximo, algo negligenciado no tempo do profeta Miquéias. Os cristãos de Tessalônica eram modelos de fé no Senhor Jesus, pois esperavam sua vinda mantendo-se firmes na operosidade da fé, através do amor e da esperança em Cristo Jesus. Seu testemunho repercutiu em outras comunidades, a ponto de o apóstolo dizer que nem tem mais necessidade de falar sobre isso, tamanho era o impacto de suas obras de amor.

2.4 Mateus 23.1-12

Jesus fala às multidões e aos discípulos sobre os escribas e fariseus. Jesus os alertou para não seguirem o seu caminho, pois tentam promover com suas obras o orgulho e a autossuficiência. A justiça do Pai é inversa, uma vez que os exaltados serão humilhados e os humilhados serão exaltados. Além disso, a vida piedosa dos tessalonicenses é elogiada, pois brota de um coração que crê em Jesus e dedica a ele toda a honra e a glória, algo que não ocorre com os escribas e fariseus, que praticam as suas obras para serem vistos pelos outros.

3 LINHA TEMÁTICA DAS LEITURAS DO DOMINGO

Para quem gosta de concentrar sua homilia nas quatro leituras do Domingo, a ideia predominante é sobre a justiça de Deus revelada em Jesus Cristo. Ela é inversa ao pensamento humano.

O salmista pensou que Deus até o teria rejeitado em função de que seus inimigos pareciam estar saindo como vitoriosos. Por isso ele clamou pela luz e pela verdade, para novamente esperar confiantemente no Senhor e nele descansar, independentemente do que acontecesse.

Quem é como tu, Senhor? Esse é o significado de Miqueias, que foi portador da Palavra em meio a um caos que resultou na queda de Samaria e de Jerusalém. Ele tinha palavras duras contra o povo em geral e em especial contra os sacerdotes, a ponto de não poder se confiar em mais ninguém. Porém, sua promessa de compaixão e perdão nesse cenário fez o profeta exclamar “quem é semelhante a ti, ó Deus”, que tratas com ternura o seu povo, perdoando suas iniquidades, esquecendo de suas transgressões e jogando no fundo do mar todos os nossos pecados (Mq 7.18-20).

Deus diz que grande fonte de lucro é a piedade (1 Tm 6.6) e que ela tem poder (2 Tm 3.5). Os cristãos tessalonicenses foram elogiados por exercitarem a fé, a esperança e o amor, impactando assim outras comunidades, glorificando assim o nome de Deus.

Os fariseus e escribas foram criticados por Jesus por eles justamente pensarem em suas obras para fins de autoglorificação. Diante de Deus isso nunca

funcionou e nunca vai funcionar. Por isso Jesus não deixa dúvidas: “não os imitem em suas obras” (Mt 23.3). Os pensamentos de Deus não são os pensamentos humanos e sua compaixão e misericórdia para com seus filhos são completamente inacessíveis ao raciocínio humano.

O que se pode concluir até aqui é que a ação de Deus contraria as expectativas humanas. Deus sustenta o que sofre, julga a infidelidade, conduz seu povo ao amor e à humildade e concede sua graça àqueles que nele esperam.

3.1 A ênfase escolhida

Mesmo que a gente possa seguir nessa linha de pregar as quatro leituras, ainda assim penso que uma delas deva receber tratamento especial e privilegiá-la com maior profundidade. Nesse sentido, a partir de agora essa escolha se torna algo mais subjetivo e contextual, dependendo da ênfase que eu gostaria ou fui levado a dar à homilia através da iluminação do Espírito Santo.

No caso desse recurso homilético, vou concentrar um trato mais aprofundado da Palavra de acordo com os salmos 42 e 43, que formam uma unidade, valendo-me principalmente dos comentários de Timothy Saleska, escritos na série do Concordia Commentary.

Sou inteiramente favorável à pregação das quatro leituras do Domingo, pois dá sustentação às verdades bíblicas e o povo de Deus percebe a unidade teológica entre o Antigo e o Novo Testamento. Porém, nesse dia minha ênfase acabou recaindo sobre o Salmo 43, que como já visto antes, deve ser lido de forma integrada com o Salmo 42.

4 COMENTÁRIOS DO SALMO 42

O Salmo 43 deve ser lido junto com o Salmo 42, pois há uma continuidade temática em ambos e uma repetição interessante no Salmo 42.5, 11 e 43.5: “Por que você está abatida, ó minha alma? Por que se perturba dentro de mim? Espere em Deus, pois ainda o louvarei, a ele, meu auxílio e Deus meu”.

Ao usar palavras como “a minha alma tem sede de Deus” (Salmo 42.2) o salmista confessa que o relacionamento que ele tem com o Senhor é íntimo. Há quase que um aspecto físico ou sensorial envolvido em seu relacionamento com Deus, pelo qual ele anseia e ora para tê-lo de volta, como se Deus tivesse se afastado do salmista.

Não ter o Senhor por perto é como não ter água para beber. A linguagem é linguagem da emoção. Símiles pungentes como “como a corça suspira pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma” (42.1); metáforas com “a minha alma tem sede”, 42.2); o uso de “alma” para se referir à parte mais íntima do seu ser; o tratamento íntimo na segunda pessoa do singular (“por ti” em 42.1); e a repetição enfática, “tem sede de Deus... do Deus vivo” (42.2), dão voz ao seu intenso desejo pela presença de Deus e à sua dor por se sentir separado dele.

4.1 A sensação de abandono

A sensação da ausência de Deus é algo que o salmista sente profundamente. Ele não está pensando em Deus como Juiz, Rei ou Governante, mas como um íntimo amigo. Para o salmista, Deus não é abstrato ou transcendente, mas concreto, pessoal, gracioso e amoroso. É evidente que o salmista sente falta de seu Deus e deseja estar com ele novamente.

Mas, sem Deus em que sentido? Da perspectiva física, geográfica, ou do seu aparente afastamento pessoal? Por um lado, o problema da ausência de Deus é imaginado como um problema de distância no espaço. A distância entre ele e seu Deus é concebida como os dias de uma jornada — uma distância que ele pode percorrer e, uma vez percorrida, seu anseio será satisfeito. Ele se lembra da alegria de ir à casa de Deus com seus companheiros peregrinos — de diminuir essa distância — porque essa memória é a única coisa que resta que pode ajudar a transpor a lacuna. É o mais próximo que ele tem agora da experiência real de estar lá.

No entanto e por outro lado, a pergunta constantemente lançada em sua face e que o atormenta: “As minhas lágrimas têm sido o meu alimento dia e noite, enquanto me dizem ‘E o seu Deus, onde está?’” (42.3), me faz pensar sobre o

problema da ausência de Deus de uma maneira diferente. Ou seja, para o salmista, a ausência de Deus também é um problema teológico. Isso porque, em outros contextos, a pergunta “e o seu Deus, onde está”, funciona como uma provocação contra aquele que nele confia e contra o próprio Deus (Salmo 79.10, 115.2; Miqueias 7.10; Joel 2.17; Mateus 27.43). A expressão é usada para afirmar que Deus é impotente para intervir no mundo e para questionar a fidelidade dele aos seus servos, como se Deus tivesse sido derrotado.

Diante da experiência atual do salmista, da sua distância física do lugar onde Deus habita, a provocação não deve ser descartada. Dessa perspectiva, a lembrança de dias melhores (42.4) é um consolo. Ele viaja mentalmente para um lugar e um tempo em que a questão da ausência de Deus não era o problema que ele enfrenta agora.

4.2 Lembrar de Deus, não das circunstâncias

“Por que você está abatida, ó minha alma? Por que se perturba dentro de mim? Espere em Deus, pois ainda o louvarei, a ele, meu auxílio e Deus meu”. Esse é um diálogo consigo mesmo e que é outra tentativa do salmista em aliviar o desespero que suas lembranças parecem apenas aumentar ou dissipar momentaneamente. Essa confissão de fé soa como se ele estivesse se auto encorajando: “Espera em Deus, descansa nele”.

Inicialmente, eu poderia interpretar a fala do salmista como dizendo que ele tem certeza de que um dia retornará à casa de Deus e se unirá novamente ao louvor do qual ele se lembra. Mas o Salmo 42.6–8 também mostra que o salmista realmente quer encontrar esperança na presença de Deus já em suas circunstâncias presentes, renegociando sua compreensão da presença de Deus. Em outras palavras, em seu profundo desespero “Por que você está abatida, ó minha alma”? (42.6a), ele decide se lembrar — não de um evento do seu passado, mas do próprio Deus: “lembro-me, portanto, de ti”, e isso é algo que ele pode fazer mesmo em um lugar muito distante do santuário (42.6b). E quando o faz, sua memória marca um ponto de virada em sua vida emocional e serve — pelo menos momentaneamente — para pôr fim ao seu isolamento.

4.3 Ouvindo o testemunho da criação e louvando a Deus

Quando ele se lembra de Deus, embora esteja longe de Jerusalém, sua memória e as crenças que a moldam permitem que ele ouça outra voz sobre o silêncio ensurdecedor e a pergunta dos inimigos. “Um abismo chama outro abismo, ao ruído das tuas cachoeiras; todas as tuas ondas e vagas passaram sobre mim” (42.7). Se a gente conectar a descrição do salmista como louvor a Deus por sua criação, como por exemplo no Salmo 8.1–9 e 19.1–6), em vez de ouvir uma descrição de perigo e morte nessas palavras, como alguns entendem ser o caso, pode ser que ouçamos o som da criação adorando seu Criador. Essas testemunhas pertencem a Deus.

O salmista se lembra de quando estava com uma multidão afluindo à “casa de Deus” (42.4) e então, de repente, percebe que, longe dali, na cabeceira do rio Jordão, ele ainda está com uma nuvem de testemunhas adorando seu Deus.

A percepção de que Deus está presente com ele agora e de que ele não está sozinho em sua devoção, eleva seu espírito nos dois versículos seguintes: “Contudo, o Senhor, durante o dia, me concede a sua misericórdia, e de noite está comigo o seu cântico, uma oração ao Deus da minha vida.

O salmista se lembra da misericórdia de Deus e de sua fidelidade às suas promessas e de seu cuidado e proteção diários, mesmo não estando em Jerusalém. Em outras palavras, Deus não está ausente no sentido de ser impotente, derrotado ou infiel às suas promessas. Ele está muito presente com o salmista, como atesta a criação ao seu redor.

Há algo além do desespero no coração do salmista. Há também cânticos e orações. Estes são atos supremos de adoração. “durante o dia” e “de noite” (v.8) são dois lados que juntos formam uma totalidade. O salmista quer dizer que continuamente — dia e noite — o Senhor cuida dele com a sua “graça”.

O salmista encontra conforto em saber que Deus não está confinado a um só lugar, mas está presente com todo o seu poder e conhecimento em todos os lugares. O poeta percebe por onde quer que ande ou esteja, ele pode adorar ao Senhor e que não está sozinho em sua adoração nem separado dele.

Essa parte (42.6–8) representa o ápice emocional do salmo. Ele termina com uma afirmação: “[...] e de noite está comigo o seu cântico, uma oração ao Deus da minha vida” (v.8b). Todavia, após reafirmar sua fé, “Pergunto a Deus, minha rocha” (v.9a), a voz do desespero emerge subitamente ao começar a falar com Deus. As perguntas são repetidas duas vezes, “Por que te esqueceste de mim? Por que hei de andar eu lamentando sob a opressão dos meus inimigos?" Essas são questões familiares que as pessoas ao longo dos séculos têm feito a Deus (e que geralmente ficam sem resposta).

Agora, o quadro parece mudar. Pela primeira vez, os inimigos, com suas ameaças e provocações, aparecem como uma ameaça explícita para o salmista. “E o seu Deus, onde está”? (42.10b). Em conexão com essa confrontação, o salmista repensa a ausência de Deus. Na pergunta “por que te esqueceste de mim?”, a ausência de Deus não é uma questão de distância espacial, nem se trata da falta de poder do Senhor, pelo contrário, a ausência do Senhor é percebida como se fosse uma ação deliberada do próprio Deus. Por um lado, Deus está verdadeiramente presente (por isso o salmista ora a ele) e que certamente ele controla todas as coisas. Mas, e por outro lado, com o surgimento dos inimigos, Deus parece estar agindo ativamente contra o salmista. Ou seja, ele não está lá por ele e parece estar contra ele.

Os insultos dos inimigos e a pressão da pergunta no final se intensifica ainda mais porque o salmista não tem resposta. Ele recorre basicamente à mesma consolação de 42.5, repetida aqui (42.11) e no final do Salmo 43. Essa confissão torna-se uma estratégia para lidar com sua dor emocional e sensação de que Deus se distanciou dele.

4.4 Ele se exorta a não desesperar, mas a ter esperança em Deus – Salmo 43

A voz da fé, que confia em Deus e em sua Palavra, apesar de tudo, emerge. Essa voz se fortalece em 43.1. “Faze-me justiça, ó Deus, e defende a minha causa contra a nação infiel; livra-me dessa gente fraudulenta e injusta”. O foco do salmista se desvia de si mesmo e, pela primeira vez, ele faz um apelo direto a Deus contra seus inimigos. É uma linguagem familiar de súplica.

Para o salmista Deus não seria mais um amigo íntimo ou alguém próximo dele e que anseia por sua presença. Agora, Deus é transcendente e todo-poderoso. O salmista apela a Deus como o Juiz e Governante cósmico que administra a justiça segundo padrões óbvios de certo e errado. Para o salmista, é claro que aqueles que se opõem a Deus são "infiéis".

Aqui, Deus é, de certa forma, inalcançável. Contudo, o salmista está confiante de que Deus está com ele e presume estar certo. Por isso, reivindica sua presença e sua ação. Mas a confiança do salmista não dura além de 43.2a, ao novamente expressar seu sentimento de ter sido rejeitado por Deus. "Por que me rejeitas? Por que hei de andar eu lamentando sob a opressão dos meus inimigos?" (43.2). A pergunta "por que me rejeitas?" parece ser uma ação ainda mais direta e ativa de Deus do que a anterior "por que te esqueceste de mim?", pois a sensação da ausência ativa de Deus em relação ao salmista o atormenta.

4.5 A tensão entre o sentimento da ausência e da presença de Deus

Em seu pedido, o salmista renegocia, pela última vez, a tensão que sente entre a presença e a ausência de Deus: "Envia a tua luz e a tua verdade, para que me guiem e me levem ao teu santo monte e aos teus tabernáculos. Então irei ao altar de Deus, de Deus, que é a minha grande alegria; ao som da harpa eu te louvarei, ó Deus, Deus meu" (43.3,4)

Aqui, o poeta personifica a "luz" e a "verdade" abstratas. Assim, por um lado, ele pede que o Deus transcendente envie esses mensageiros para guiá-lo e levá-lo ao santuário. Seu pedido pela presença desses guias parece ter substituído seu desejo pela presença íntima do próprio Deus vivo.

Mas, ao mesmo tempo, a personificação torna o abstrato mais concreto. Ela atenua a sensação de desconexão. Ou seja, ajuda a satisfazer esse desejo de intimidade. Além disso, o poeta retorna ao seu desejo original, de comparecer perante Deus no santuário (43.3), onde o Senhor estava de fato e pessoalmente presente e disponível de uma maneira que não estava em outros lugares. Este — ainda seu principal desejo — é o que ele aborda e detalha (43.3b, 4).

4.6 Os pedidos do salmista interpretados

1) “Luz” e “verdade” podem se referir a atos evidentes de poder de Deus que demonstram sua fidelidade ao trazer o salmista de volta ao santuário, à presença íntima e concreta do Deus que ele ama.
2) “Luz” e “verdade” podem se referir a uma pessoa ou pessoas que personificam essas qualidades, divinas ou humanas e que o resgatam.
3) O salmista pede a Deus que lhe dê o entendimento e a sabedoria de que precisa para que, mesmo longe do santuário, ele compreenda os caminhos de Deus e, pela fé, possa se aproximar espiritualmente do Senhor e desfrutar das bênçãos espirituais de sua presença — as próprias bênçãos do monte santo e do altar — a certeza do perdão, da salvação, da paz e da vida com Deus.

O salmista nos deixa a contemplar possibilidades, bem como mistérios inerentes à “presença e ausência” de Deus entre nós. Independentemente do que aconteça, em sua vida atual, sua estratégia, seu consolo, permanecem inalterados. Ele luta contra o desespero de estar separado de Deus e se entristece por isso. Mas ele também continua a ter esperança em Deus e tem certeza de que o louvará por sua salvação (43.5).

5 APLICAÇÕES E REFLEXÕES HOMILÉTICAS – OS MISTÉRIOS DA PRESENÇA E DA AUSÊNCIA DE DEUS

Os Salmos 42–43 descrevem a fé como um desejo que faz parte daqueles que receberam o dom da fé. O Espírito Santo acende a confiança e o anseio pela presença de Deus. A voz no salmo fala sem constrangimentos de sua saudade de Deus e de quando poderá ir até ele. Ao mesmo tempo, nos momentos mais difíceis de sua sensação de estar sendo abandonado por Deus, ele nunca perde a esperança de que sua vontade será realizada. Ele tem certeza de que o Senhor não o decepcionará, que sua salvação virá e que ele estará com o Senhor. O salmista dialoga consigo mesmo e encontra nisto o consolo: “Por que você está abatida, ó

minha alma? Por que se perturba dentro de mim? Espere em Deus, pois ainda o louvarei, a ele, meu auxílio e Deus meu" (42.5,11; 43.5).

O salmista fala como alguém que anseia estar com Deus, mas ele sabe, assim como nós também sabemos, que Deus não é totalmente acessível e por vezes é muito misterioso da forma como nos trata e na forma de conduzir e governar a humanidade. Assim, uma maneira pela qual o salmista pode diminuir essa distância é ir ao santuário em Jerusalém. Lá, ele poderia contemplar a beleza do Senhor todos os dias de sua vida. O Salmo 42 apresenta alguém que ansiava por ir ao santuário, para — como ele diz — "me apresentar diante da face de Deus" (42.2b), porque no santuário o divino e o humano se encontram. Estar na casa de Deus é estar nos portões do céu. O santuário era o lugar onde Deus permitia ser encontrado. É por isso que o salmista desejava ir para lá.

5.1 Encontramos Deus em Jesus Cristo

Para nós, Deus transpôs essa distância e permitiu ser encontrado na pessoa de seu Filho, Jesus. Em Jesus, o divino e o humano se encontram. Ele é o templo (Jo 2.19-21) e, assim, satisfaz nosso anseio de estar com Deus. O tabernáculo do Antigo Testamento era uma morada temporária. Jesus completou sua jornada terrena entre nós, ressuscitou dos mortos e agora partiu, ascendeu aos céus (Lc 24.51; At 1.11). Ele não está mais presente conosco da mesma forma que estava quando caminhava sobre a terra. Não podemos ir até ele como os discípulos fizeram, mas ele veio até nós no batismo, continua vindo por sua Palavra e Santa Ceia.

Assim como o salmista ansiava por retornar fisicamente ao santuário em Jerusalém, assim há um lugar para onde ansiamos ir, onde Jesus e nós estaremos juntos. Nosso desejo é expresso em grande parte nos termos verbais e emocionais do autor do Salmo 42, quando cantamos "Conosco fica, ó Deus, a noite vem" (Hino 403 – Hinário Luterano).

Nós aguardamos a conclusão tangível e física da jornada desta vida no Último Dia, quando Jesus retornar em seu corpo glorificado. Nosso desejo de estar com Deus em seu templo em Jerusalém será plenamente satisfeito somente

quando ressuscitarmos fisicamente dentre os mortos e virmos os novos céus, a nova terra e a nova Jerusalém descendo do céu, da parte de Deus, preparada como uma noiva adornada para o seu esposo (Ap 21.1-3; 1 Co 13.12).

Enquanto isso e até lá, para as almas que se sentem abatidas pela distância, mas esperançosas da "salvação na sua presença" (Sl 42.5), Deus sustenta aqueles que se sentem abatidos pela aparente distância. Por meio de sua Palavra e dos Sacramentos, ele lhes concede sua graça e misericórdia, fortalecendo a fé e preservando a esperança até o dia em que a comunhão com ele será plenamente desfrutada.

Nesta vida, o desejo do salmista de estar na presença de Deus encontra um paralelo em nossa jornada, quando nos reunimos em torno da Palavra e dos Sacramentos para adorar o nosso Deus e receber dele sua graça e misericórdia. Cremos que Deus está verdadeiramente (misteriosamente, é verdade) presente no culto e que, por meio desses meios de graça, ele vem a nós de forma audível e tangível no corpo e sangue de Cristo e nos ministra para nosso consolo e salvação. Assim como o salmista confessa em 42.7-8, o Deus Todo-Poderoso, presente na Palavra, Batismo e Santa Ceia, é ao mesmo tempo o Deus que está presente em todos os lugares e controla todas as coisas.

Paulo pregou aos gregos: "O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas; nem é servido por mãos humanas, como se precisasse de alguma coisa, pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais. De um só homem fez todas as nações para habitarem sobre a face da terra, havendo fixado os tempos previamente estabelecidos e os limites da sua habitação; para buscarem Deus se, porventura, tateando, o possam achar, ainda que não esteja longe de cada um de nós; pois nele vivemos, nos movemos e existimos, como alguns dos poetas de vocês disseram: Porque dele também somos geração" (Atos 17.24-28)

A estrutura de toda a criação de Deus continua a comunicar uma mensagem a respeito do seu senhorio (Rm 1.20; Salmo 19.1; 50.6). Ele é encontrado e nos encontra na sua Palavra e nos Sacramentos, mas não se deixa sem testemunho através da revelação geral. O mistério da presença e ausência de Deus em nossa

vida aumenta para nós, assim como cresceu para o salmista, especialmente quando estamos em apuros e nos perguntamos onde Deus está.

5.2 Deus está com a gente

Deus se esqueceu de nós? Está zangado conosco? O salmista experimentou a ausência de Deus de maneiras que o afligiram profundamente e por razões que ele não compreendia, assim como também acontece com a gente. O apelo do salmista "envia a tua luz e a tua verdade, para que me guiem e me levem a Deus, que é a minha grande alegria" (43.3-4), é ao mesmo tempo uma oração para que o Espírito ilumine nossos corações com a luz e a verdade do Evangelho; que a Palavra que nos guie nesta vida e através dos mistérios obscuros que encontramos pelo caminho; que o Senhor Jesus Cristo esteja presente agora, a fim de que nossos corações se curvem em verdadeira confiança e devoção na presença de Deus.

5.3 Sugestão de oração

Senhor, tu te esqueceste de mim? Estás zangado comigo? Às vezes parece que tu estás ausente. Isto me aflige profundamente. Por isso, envia a tua luz e a tua verdade para que elas me guiem e me conduzam à confiança de que tu estás comigo. Faze com que a tua luz e a tua verdade me encontrem em minha tristeza e que ela seja transformada em alegria e júbilo de reconhecer a tua presença, mesmo que aos nossos olhos tu pareças distante de mim.

Ilumina meu coração com a luz do teu filho Jesus, a fim de me guiar nesta vida, através dos misteriosos, difíceis e escuros caminhos que tenho que caminhar.

Faze-te presente, ó Deus todo-poderoso, onisciente e onipresente Senhor, para me cuidar e dar segurança em todo o meu viver. Senhor Jesus Cristo, tu estás presente desde o meu batismo, por isso faze com que essa presença anime o meu coração e eu me curve diante de ti em verdadeira fé e devoção. Envia o teu Santo Espírito e deixa a tua verdade brilhar em mim. Aumenta a minha fé e ilumina a minha mente. Liberta-me da dúvida que me cega e me deixa confuso. Sê a minha companhia na jornada desta vida.

Vem, Senhor, Deus e Pai, porque minha mente não compreende e o meu coração está enfermo. As tuas longas demoras me ferem profundamente, meu espírito anseia por ti noite e dia e é difícil suportar a tensão em saber que tu estás conosco como Senhor e Salvador desde o nosso batismo, mas que em nosso dia a dia parece estar tão distante e deixas meu coração tão dolorido. Traze à minha memória e desperta em mim o que realmente pode me dar esperança e segurança, a tua luz e a tua verdade. Amém!

Rev. Anselmo Ernesto Graff